

o manifesto salto

Manifesto Canadá
com base na preocupação com
o planeta e preocupação de
alguns para os outros



Partimos da premissa de que o Canadá está enfrentando a crise mais profunda na memória recente.

A Comissão da Verdade e Reconciliação reconheceu detalhes chocantes sobre a violência no recente passado do Canadá. O aumento da pobreza e da desigualdade é uma cicatriz no presente do país. E nosso histórico sobre as mudanças climáticas é um crime contra o futuro da humanidade.

Estes fatos são ainda mais chocantes porque divergem dramaticamente dos valores canadenses: o respeito pelos direitos indígenas, o internacionalismo, os direitos humanos, a diversidade e o cuidado ambiental.

Canadá não é este lugar hoje - mas poderia ser.

Poderíamos viver em um país integralmente alimentado por energia renovável e conectado por transporte público acessível. Um país no qual os postos de trabalho e as oportunidades de transição são projetadas para eliminar sistematicamente a desigualdade racial e de gênero. O cuidado do outro e o cuidado do planeta poderiam ser os setores que crescem mais rápido na economia. Muitas mais pessoas poderiam ter empregos com salários mais altos e com menos horas de trabalho, deixando-nos tempo suficiente para desfrutar de nossos entes queridos e florescer em nossas comunidades.

Nós sabemos que o tempo para essa transição é curto. Os cientistas climáticos têm nos falado que esta é a década para tomar ações decisivas a fim de prevenir catástrofes ligadas ao aquecimento global. Isso significa que pequenos passos não irão nos levar aonde precisamos ir.

Então, precisamos saltar.

Este salto precisa começar respeitando os direitos inerentes e títulos dos que originalmente zelam por estas terras. Comunidades indígenas têm estado à frente da proteção de rios, de costas, de florestas e de terras contra o avanço da atividade industrial descontrolada. Nós podemos apoiar este papel e restabelecer a nossa relação por meio da implementação integral da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos

dos Povos Indígenas.

Movidos pelos tratados que formam a base legal deste país e que nos vincula a partilhar a terra “enquanto o sol brilhar, a grama crescer e os rios fluírem”, nós queremos fontes de energia duradouras e que jamais se esgotem ou contaminem a terra. Avanços tecnológicos trazem este sonho para a realidade. As últimas pesquisas mostram que, dentro de duas décadas, é viável para o Canadá ter 100% de sua eletricidade gerada a partir de fontes renováveis; poderíamos ter uma economia 100% limpa até 2050.

Nós exigimos que essa transição comece agora.

Não existem desculpas para que se continue construindo projetos de infraestrutura que nos condenem a décadas de extrativismo crescente no futuro. A regra de ouro do desenvolvimento energético deve ser: se você não quer algo no seu quintal, então isso não deve estar no quintal do outro. Isto se aplica igualmente a oleodutos e gasodutos, a fraturamento hidráulico em New Brunswick, Québec e British Columbia; ao aumento de tráfego de petroleiros nas nossas costas; e a todos os projetos de mineração canadenses no mundo.

A hora da democracia energética chegou: nós não somente acreditamos que deva haver mudanças em nossas fontes de energia, mas também, onde for possível, que as comunidades devam controlar coletivamente esses novos sistemas energéticos. Como uma alternativa para a sede de lucro das companhias privadas e para a burocracia de algumas estatais, nós podemos criar estruturas de propriedade inovadoras: gestão democrática, pagamento de salários dignos e manutenção da receita necessária nas comunidades. E os Povos Indígenas deveriam ser os primeiros a receber apoio público para seus próprios projetos de energia limpa. E da mesma forma as comunidades que atualmente enfrentam grandes impactos na saúde devido à poluição industrial. Gerar energia desta maneira não irá meramente iluminar nossas casas, mas também redistribuir riqueza, enraizar nossa democracia, fortalecer nossa economia e começar a curar as feridas que remontam à fundação deste país.

Um salto para uma economia não poluente cria incontáveis oportunidades para múltiplos “triumfos” similares. Nós queremos um programa universal para construir casas energeticamente eficientes, e reformar as casas existentes, assegurando que as comunidades carentes e seus vizinhos se beneficiarão primeiro e receberão treinamento laboral e oportunidades que reduzam a pobreza no longo prazo. Nós queremos treinamento e outros recursos para trabalhadores em empregos de alta emissão de carbono, assegurando que eles sejam totalmente capazes de participar de uma economia de energia limpa. Esta transição deve envolver a participação democrática dos próprios

trabalhadores. Trens de alta velocidade alimentados somente com energias renováveis e transporte público acessível podem unir cada comunidade neste país – ao invés de mais carros, oleodutos e trens superlotados que nos dividem e nos colocam em perigo. E sabendo que este salto está começando tarde, devemos investir em nossa decadente infraestrutura pública para que ela não possa ser afetada pelo aumento de eventos meteorológicos extremos, cada vez mais frequentes.

A mudança para uma agricultura mais bem localizada e ecológica reduziria a dependência de combustíveis fósseis, capturaria carbono no solo e absorveria surpresas repentinas na oferta global – também produziria alimentos mais saudáveis e acessíveis para todos.

Fazemos um chamado para o fim de todos os tratados comerciais que interferem em nossa tentativa de reconstruir economias locais, regular as corporações e parar os projetos extrativistas danosos. Rebalanceando as escalas da justiça, nós deveríamos garantir a condição de imigrantes e proteção total para todos os trabalhadores. Reconhecendo as contribuições do Canadá em conflitos militares e a mudança climática – condutores primários da crise de refugiados global – precisamos receber refugiados e migrantes que buscam segurança e uma vida melhor.

Mudar para uma economia em equilíbrio com os limites planetários também significa expandir os setores de nossa economia que já são de baixo carbono: o cuidado de pessoas, a docência, o trabalho social, as artes e mídias de interesse público. Seguindo o exemplo de Québec, um programa nacional de creches deveria ter sido implantado há tempo. Todo este trabalho, muitas vezes executado por mulheres, é o cimento para se construir comunidades humanas e resilientes – e nós iremos precisar de nossas comunidades mais fortes do que nunca para enfrentar o duro futuro em que já estamos. Já que grande parte do trabalho de cuidado – seja de pessoas ou do planeta – não é remunerado, exigimos um debate vigoroso sobre a introdução de uma renda básica anual e universal. Pioneiramente implementado em Manitoba na década de 1970, esta sólida rede poderia assegurar que ninguém seja forçado a aceitar trabalhos que no futuro ameacem suas próprias crianças em função de alimentá-las hoje.

Declaramos que a “austeridade” é uma forma de pensamento fossilizada que tem sido uma ameaça para a vida na terra.

Declaramos que a “austeridade” – que tem atacado sistematicamente os setores de baixo carbono como educação e saúde ao mesmo tempo em que priva recursos para transporte público e impõe privatizações energéticas imprudentes – é uma forma de pensar

fossilizada que tem sido uma ameaça para a vida na terra.

O dinheiro necessário para pagar essa grande transformação está disponível – nós somente precisamos das políticas certas para liberá-lo. Como, por exemplo, o fim dos subsídios para combustíveis fósseis, a taxação de transações financeiras, o aumento dos royalties sobre os recursos, o aumento de impostos para corporações e pessoas de alto poder aquisitivo, a taxação progressiva de carbono e cortes nos gastos militares. Tudo isso é baseado no princípio do “poluidor-pagador” e traz uma enorme promessa. Uma coisa é certa: a escassez pública em tempos de riqueza privada sem precedentes é uma crise fabricada, desenhada para extinguir nossos sonhos antes que eles tenham a chance de nascer.

Esses sonhos vão bem além deste documento. Fazemos um chamado para assembleias públicas ao longo do país onde os residentes possam se reunir para definir democraticamente o que significa dar um salto genuíno para a economia do futuro em suas comunidades.

Inevitavelmente, este renascimento de baixo para cima irá levar a uma renovação da democracia em todos os níveis de governo, trabalhando rápido para um sistema em que cada voto conta e livre do dinheiro de corporações nas campanhas políticas.

Tudo isso é bastante para assumir de uma vez, mas estes são os tempos em que vivemos. A queda dos preços do petróleo tem aliviado temporariamente a pressão de se explorar combustíveis fósseis tão rápido quanto as tecnologias de alto risco permitam. Esta pausa na expansão frenética não deve ser vista como uma crise, mas como uma dádiva. Isso tem nos dado um raro momento para exergar o que nós nos tornamos – e decidir mudar.

Assim nós convocamos a todos que aspiram por um cargo político a aproveitar esta oportunidade e responder a urgente necessidade de transformação. Este é nosso dever sagrado com aqueles que o país prejudicou no passado, com aqueles que sofrem sem necessidade no presente, e com todos que tem o direito a um futuro brilhante e seguro.

Agora é hora para ousadia.

Agora é a hora de saltar.